

O que posso esperar? Ética e Esperança em Immanuel Kant

Angelo José Salvador¹

Resumo: Segundo Kant a razão prática pergunta pelo fim último, ou seja, pelo sentido do agir autônomo. Este fim último é o sumo bem e a existência de Deus e a imortalidade da alma são seus pressupostos. Diante disso, o imperativo categórico orienta o sujeito a agir segundo a razão pura prática. Se a vida é pautada segundo o imperativo categórico o sujeito age de acordo com a moral. Portanto, é permitido esperar uma “recompensa” futura, que após a luta moral nessa vida, garante a felicidade no além. Não há como pensar a esperança em Kant prescindindo do mundo, pois é no mundo que se desenrolará a edificação do sujeito moral e a possibilidade de se postular a “vida futura”.

Palavras-chave: Moral. Liberdade. Esperança. Postulado. Felicidade

INTRODUÇÃO

Immanuel Kant (1724-1804) não é conhecido apenas por sua epistemologia, mas também pela discussão ética e seus desdobramentos no campo da religião. Com o fim da homogeneidade religiosa ocidental a pergunta que emerge é inevitável: o que me é permitido esperar nesses novos tempos? O “esperar” kantiano não tem necessariamente uma causalidade em minhas ações em vida, ou pelo menos, não é isso que postula a teoria do filósofo prussiano. A vida ética é destituída de seu estatuto religioso e passa a ser fundamentada em categorias racionais. Diante disso, vale elaborar a questão: por que, no pensamento kantiano, ainda vale esperar uma vida futura apesar da separação entre ética e religião? Adiante essa problemática será esclarecida, mas antes é necessária uma rápida explanação sobre o conteúdo da moral segundo o filósofo em questão.

Para entender o tema da esperança no pensamento kantista é necessário abordar a temática da vida feliz. Ela não é o objetivo último da vida humana e muito menos da moral. Viver em busca da felicidade é uma triste ilusão. No entanto, ela não está fora da teoria moral de Kant. Viver uma vida ética me permite *esperar* uma vida feliz. Mas, no que consiste a ética do filósofo prussiano? São três os eixos temáticos: a *liberdade*, a *virtude* e a *universalidade* da ação.

Para Kant o ser humano é capaz de representar para si mesmo leis, isso quer dizer que em determinada situação é possível compreender as relações meio-fim, e agir de acordo com

1 Mestre em filosofia da religião e professor do Instituto de Filosofia da PUC Minas.

a razão prática. Nesse aspecto, do mesmo modo que a ciência, a moralidade também pode alcançar um estatuto de universalidade, desde que guiada unicamente por uma vontade livre.

Seguindo os passos de Rousseau, Kant faz uma distinção entre humanidade e animalidade. Não há muita diferença entre homens e animais e nesse sentido argumenta Rousseau: “Todo animal tem ideias, visto que tem sentidos; chega mesmo a combinar ideias até certo ponto e o homem, a esse respeito, só se diferencia da besta pela intensidade” (ROUSSEAU, 1999, p. 64).

Portanto, não pode ser a racionalidade o distintivo básico entre animais e homens e nesse aspecto, outro elemento caro à modernidade entra em discussão: a liberdade. O ser humano é o único animal capaz de criar um “habitat” próprio para poder viver. Ao invés de esperar pelos ditames da biologia ele impõe para si mesmo outro universo, a saber, o mundo da cultura².

Em relação ao tema da universalidade da ação, Kant estabelece a ação moral em rigor semelhante às ciências. Antes de prosseguir vale salientar que o filósofo estabelece um ponto importante que está fundamentado na liberdade: a *ação desinteressada*. A boa vontade é condição de possibilidade para o estabelecimento da virtude. Ser virtuoso é renunciar a felicidade, a fortuna e até mesmo a saúde para assentar a ação segundo uma vontade livre. Dessa forma é possível superar o mundo fenomênico e agir contra a lógica dos egoísmos, logo, superar o imperativo do Eu e pensar no outro.

A atitude desinteressa diz respeito a autonomia da vontade. Se não há liberdade não há autonomia e a vontade é guiada por uma legião de comandos anárquicos ou inconscientes. Se não houvesse liberdade tudo é justificado, pois seríamos guiados estritamente pela natureza; seguiríamos um código prévio sem questioná-lo.

A universalidade da ação deve ser pensada considerando o ser humano como fim em si mesmo, ou seja, nossas relações não são apenas parentais, mas se lançam em uma dimensão bem mais ampla: as relações consideradas em sua totalidade. Se o ser humano fosse guiado apenas pelo egoísmo o bem comum seria o último a ser pensado e quando o fosse seria em vista do bem exclusivamente pessoal. O outro jamais pode ser instrumentalizado e a ação deve ter por *fim* a dignidade do outro (cf. KANT, 1984, p. 109).

Se o fim da ação é o outro, considerando sua dignidade enquanto humano, a moralidade não se baseia na busca pela felicidade ou pelo prazer pessoal. Todavia, Kant não negligencia a importância da felicidade em sua filosofia moral. Kant compreende a felicidade desvinculada da realidade terrestre e a *postula* para uma vida futura. Vale lembrar que Kant é um filósofo que ainda tem como horizonte a religião cristã e pensa a religião ainda em

2 “O homem, por assim dizer, descobriu um novo método de adaptar-se ao meio. Entre o sistema receptor e o sistema de reação, que se encontram em todas as espécies animais, encontramos no homem um terceiro elo, que podemos descrever como o *sistema simbólico*” (CASSIRER, 1977, p.49);

seus moldes, mas, por meio da peculiaridade de sua reflexão filosófica, propõe uma religião racional que independe, a priori, de um paraíso futuro. No entanto, se as ações em vida foram pautadas segundo a moralidade é legítimo esperar um futuro feliz:

A terceira questão – qual seja, “se faço o que devo, o que posso então esperar?” – é ao mesmo tempo prática e teórica, de tal modo que o prático apenas conduz, como um fio condutor, à resposta da pergunta teórica, e, à medida que esta se eleva, à resposta da pergunta especulativa. Pois toda *esperança* se dirige à felicidade e é, com vistas ao prático e à lei moral, exatamente ao mesmo que o saber e a lei natural com relação ao conhecimento teórico das coisas. A esperança acaba por conduzir à conclusão de que existe algo (que determina o último fim possível) *porque algo deve acontecer*, e o saber, à de que existe algo (que atua como causa suprema) *porque algo acontece* (KrV B 833).

A terceira pergunta erigida por Kant abre à dimensão do futuro, da interpretação da existência humana e da história (cf. HOFFE, 2005, p. 269). O ser humano é natureza, mas também “espírito”, ou seja, ele é o único ser que escolhe entre várias possibilidades e por isso, lhe é permitido esperar uma vida feliz. Sua dignidade não acabará com a morte, mas se perpetuará em prolongamento ao infinito.

A história humana tem início com o pecado e o paraíso é o “lugar” emblemático onde o homem passa do estado de natureza à liberdade. Portanto, a história nada mais é do que o desenvolvimento da liberdade humana. Mas, a pergunta sobre *o que me é permitido esperar?* Ainda está incompleta. A resposta kantista ao problema é esta: caso eu viva a moralidade em busca da felicidade nada posso esperar a não ser a ruína. É um atentado à própria história, ou seja, um retorno ao estado de natureza, uma inconsciência da vontade, em suma, à barbárie, à falta de capacidade de pensar minhas ações tendo em vista o outro e a comunidade humana.

Segundo esse ponto de vista a moralidade não advém da religião, mas a religião é uma consequência da moralidade. Deus e a felicidade são o objetivo mais básico da religião. Ora, o homem pecou, mas Deus, por ser eterno e bom, conduz novamente o ser humano decaído à felicidade eterna. Nesse aspecto para Kant deve haver uma alma, pois a pessoa não pode ser destruída no pós-morte e sua felicidade deve ser garantida por um Deus bondoso e é por isso, que Deus existe.

A ação desinteressada é o bem supremo – *sumo bem* – pois não pode ser encontrada em nenhum bem particular. A felicidade, articulada com a moralidade, é a conquista do sumo bem (cf. KANT, 2016, p. 148). Portanto, agir virtuosamente nessa vida pressupõe o outro como fim em si mesmo e garante o progresso humano de uma vida baseada na vontade livre. Feito isso, é permitido esperar uma felicidade futura que não deve ser buscada como fim último da ação, pois sua “conquista” será apenas uma consequência da vida virtuosa.

CONCLUSÃO

A moralidade para Kant é a garantia da continuação da humanidade enquanto transcendência – positividade -, ou seja, pressupondo a liberdade o ser humano é capaz de guiar a própria vontade apesar da infinidade de móveis externos. À questão: o que devo fazer é respondida enquanto a ação tem em vista o outro como fim e não como meio. Ora, tal atitude permite ao ser humano continuar a conviver em sociedade evitando assim a barbárie e a ruína completa.

A vida virtuosa é sinal da dignidade humana e para o filósofo isso não pode ser perdido. Portanto, me é permitido esperar uma vida futura, ou seja, uma vida feliz. Somente Deus pode me garantir essa felicidade já que no mundo fenomênico isso é impossível. Em suma, é na articulação com o engajamento baseado numa vida virtuosa que o ser humano alcança sua máxima dignidade. A moral kantiana não é fuga do mundo, pelo contrário, é no engajamento diário que se constrói a comunidade humana. O humano é justamente aquele que rompe com os ditames egoísticos.

Tendo vivido intensamente a moralidade, mas sabendo que nunca será alcançada plenamente nessa vida me é permitido esperar uma vida feliz garantida por Deus num progresso ao infinito. A dignidade humana não se resume apenas à história terrena, mas também à vida feliz que é a consequência das ações virtuosas que se estabeleceram durante a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, Ernest. *Antropologia filosófica, ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Metre Jou, 1977.

FERRY, Luc. *Kant: uma leitura das três críticas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

HOFFE, Otfried. *Immanuel Kant*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

_____. *A religião dentro dos limites da simples razão*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. *Crítica da razão pura*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

_____. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.